



Antonio Carreiro

Nikon Coolpix 990

Se você ainda tem dúvida sobre o uso profissional de câmeras digitais compactas, precisa conhecer a Nikon Coolpix 990. Ela faz parte da geração que chega a 3,34 megapixels de resolução. Na prática, isso significa que você consegue fotos ótimas de aproximadamente 13 x 17 cm a 300 ppi. Os recursos dela são comparáveis aos das boas câmeras 35 mm reflex.

Antes de entrar nos detalhes, deixe-me dizer de passagem: sim, ela tem os recursos automáticos *point-and-shoot* das câmeras amadoras digitais. Você pode apertar o botão disparador sem usar muito o cérebro. Basta colocar o círculo de comando na posição A-REC, pronto. Mas isso é como comprar uma Ferrari para rodar em São Paulo na hora do *rush*. E o preço – mais de quatro paus – já demonstra que ela pertence a outra categoria (*veja o box com a lista de preços dos acessórios*).

Máquina digital vem disputar o mercado das câmeras profissionais 35 mm (e é compatível com Mac)

Você já viu uma câmera digital com tantos acessórios profiças? Foto feita com Coolpix 990, flashes de estúdio, ISO 100, resolução H

Cinco objetivas

Vamos começar derrubando um preconceito de fotógrafo: o de que câmera digital não troca objetiva. Troca, sim: a Coolpix 990 aceita cinco tipos diferentes. A rigor, são conversores adaptáveis à objetiva do corpo (uma zoom equivalente à 38~115 mm de câmeras 35 mm, com fstop de 2.5 a 4.0). A objetiva que vem com a câmera incorpora uma surpreendente função macro, que focaliza a até 2 cm de distância (*veja a foto da flor*). Claro que, ao acoplar conversores, você perde alguns pontos de abertura, como ocorre em uma 35 mm normal. Estão disponíveis para a Coolpix: duas grande-angulares, duas teles (2x e 3x de aumento) e a divertida olho-de-peixe, que equivale a uma incrível 8 mm. Se você estiver gordinho, sua querida barriga aparece na foto! Ao acoplar objetivas, o flash simplesmente fica encoberto, em função do seu péssi-

O manjado *step* de objetivas, por que não? De baixo para cima: olho-de-peixe (equivalente a uma 8 mm de objetiva 35 mm); grande-angular acoplada; objetiva normal; tele óptica da zoom mais teleconversor acoplado (equivalente à 230 mm). Tudo em ISO 100, modo Fine





A câmera estava a apenas 5 cm de distância da flor. Luz do sol, ISO 100, resolução HI, sem interpolação

mo posicionamento sobre o corpo. Mas, como a 990 é pensada pra uso profiça, ela permite acoplar flashes profissionais Nikon: toda a linha SB, do 22 ao caríssimo 28. Eu usei o 26, com ótimo resultado.

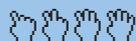
Com sistema TTL? Sim senhor; a sapata (opcional) tem todos os conectores pra usar esse importante recurso, pois para quem está acostumado com 35 mm é difícil prever a captação de luz de flash em uma câmera digital. O mais legal mesmo foi usar ambos simultaneamente, conseguindo efeitos semelhantes aos de estúdio (*veja a foto e o anúncio com os sushis*).

Opcionais fundamentais

Falando em opcionais, são eles que realmente mostram como a 990 está muito mais próxima do mercado 35 mm, distanciando-se das concorrentes digitais. Existem câmeras com resolução igual ou superior, mas sem disponibilidade de acessórios. Qualquer fotógrafo de reporta-

gem costuma sair com pelo menos três objetivas na bolsa, e a 990 fica beleza com um jogo assim. Tão importante quanto isso é o suporte de flash. Fiquei muito feliz carregando tudo numa pochetona. Acabei usando pouco as obje-

NIKON COOLPIX 990



Nikon: www.nikonusa.com

T. Tanaka: 11-825-2255

www.nikon.com.br



Pró: Interface USB e software para Mac e PC; objetivas intercambiáveis; múltiplas resoluções e modos de exposição; boa fotometria; grava movies QuickTime curtos

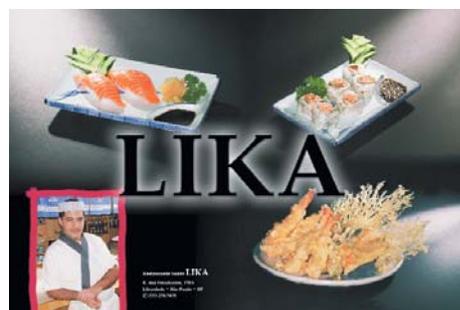


Contra: Muito mais cara que uma 35 mm com características similares; bateria dura muito pouco; cartão de memória original é pequeno

Jonas Chun



Deu fome? Flash de corpo mais SB-26 na contraluz, ISO 100, resolução Fine, posição macro – e sem tripê!



Dá para fazer trabalhos profiças rapidamente com a Coolpix 990. Foram usados: flash de corpo mais SB-26 na contraluz, ISO 100, -2.0 EV, 1/500s, leitura spot, resolução Fine. Fotografei em três horas, montei o anúncio no Photoshop em duas horas, imprimi em minilab digital, coleí num painel de madeira e entreguei no dia seguinte

vas, pois a zoom foi suficiente para quase todas as situações. Por ser leve, a câmera dá alguma sensação de instabilidade, mas vale o mesmo raciocínio do uso de câmeras 35 mm: braços dobrados e colados junto ao corpo, mente quieta, espinha ereta e coração tranquilo.

É importante saber qual será o uso final das imagens antes de sair fotografando, principalmente porque o cartão de memória que acompanha a 990 é extremamente limitado: 16 MB. As opções são: Basic, Normal, Fine e HI. A Basic é direcionada para a Internet, e nesse caso o cartãozinho até dá conta. Mas no modo Fine, cada imagem ocupa 1,3 MB em JPG. Ou seja, você só consegue armazenar 11 imagens. No modo HI, cada imagem em TIFF ocupa 9 MB. Portanto, é extremamente necessário um cartão extra de memória. Além do de 16 MB, usei um de 64 MB, que quebrou um galhão. Equivale a usar quase três bobinas de filme de 36 poses. Dá para cobrir um evento, por exem-

Preços salgados

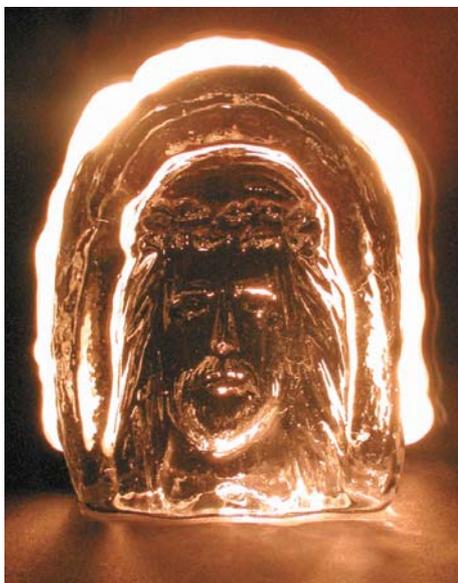
Valores apurados (em R\$) em São Paulo, junho/2000

Câmera Coolpix 990	R\$ 4.400
Cartão de memória 64 MB	R\$ 748
Cartão de memória 128 MB	R\$ 1.429
Conversor olho-de-peixe	R\$ 946
Conversor grande-angular	R\$ 241
Conversor Tele 2x	R\$ 403
Suporte de flash (com sapata)	R\$ 317

plo. Mas o ideal seria ter um de 128 MB. Caaaar... E leeento... Imagens em Fine demoram preciosos segundos para ser armazenadas, e isso pode ser fatal numa reportagem. Aliás, para uso em reportagem, o lance é o Fine em proporção 2:3. Ao descomprimir, obtém-se uma imagem de quase 9 MB em 300 ppi. Fica com uns 11 x 17 cm. Como raramente uma foto jornalística é usada num tamanho superior a 10 x 15 cm, isso resolve tranquilo. Mesmo para impressão em papel couchê (caso desta revista), dá pra encarar. Convém lembrar que a retícula da impressão acaba disfarçando alguns grãozinhos meio desbotados, resultantes da falta de profundidade de cor. Se baixar para 225 ppi, o resultado também é muito bom. Consequência: de 11 x 17 cm dá para chegar a 14 x 22 cm, sem interpolar. Quantas fotos em uma revista ou catálogo chegam a esse tamanho?

Calcanhar de Aquiles: a bateria

O primeiro teste que fiz foi a cobertura de um evento. O que me limitou não foram os cartões de memória, mas sim as baterias. A Coolpix 990 é uma impiedosa devoradora de energia. Levei três jogos de pilhas AA: dois de alcalinas e um de níquel-cádmio recarregável.



A câmera também capta diretamente em preto e branco. Ambas as fotos em ISO 100, resolução Fine. Na colorida, *slow sync* e flash SB-26, -2 EV. Boa exposição, pouco estouro de branco

Duraram, se tanto, uma hora. Tudo bem, fui para lá sem ter lido o manual, fiquei fuçando muito até me entender com as funções. Não sabia que a tela LCD era a principal culpada pelo consumo desenfreado de energia. Chegando em casa, folhee (enfim) o manual, o qual sugere **não** usar o visor LCD, mas apenas o visor óptico. Pô, mas aí não dá para visualizar na hora o resultado da foto! E esse é justamente um dos grandes trunfos da foto digital.

A outra sugestão – mais sensata – é usar pilhas de maior capacidade e amperagem. Descolei uma bateria níquel-metal-hidreto recarregável, daquelas levinhas, de pendurar na cintura. Tá certo que o cabo incomoda um pouco, mas pelo menos durou cerca de duas horas direto.

O visor LCD tem cores razoavelmente fiéis ao sistema de ampliação digital que usei, o Frontier (*ver Macmania 72*). A calibração da tela pode ser ajustada em brilho e contraste, além de ter um recurso equivalente à curva verde/magenta do Photoshop. Nada mau. Outro lance legal é o zoom de 4x na tela do LCD, para visualizar detalhes da foto. Dá para conferir se o retratado ficou com olhar de peixe morto. Tudo isso permitiu um descarte seguro de imagens ruins. E ainda vêm dizer para não usar o visor LCD; essa é boa... Esse esquema câmera digital/ampliação digital cria possibilidades interessantes. É possível ir fotografando um evento e enviando as imagens via Internet rápida para o laboratório, que amplia as fotos e as remete de volta para o local do evento, antes mesmo dele acabar. Se o motoboy for ágil, é claro.

Downloadando para o Mac

Para descarregar os arquivos no micro, não tem mistério. O cabo USB acompanha a câmera; basta conectá-lo no Mac ou PC (mesmo ligado) e na câmera (necessariamente desligada). Ao ligar a Coolpix, aparece um ícone na tela do computador, tal qual o de uma mídia qualquer, tipo CD ou Zip. Esse ícone representa o conteúdo do cartão de memória. Você pode visualizar as imagens e obter informações sobre elas no browser de imagens. Selecione somente as

Light painting no digital, que tal? Lanterna de bolso, ISO 100, 8s, f8.0, foco manual, modo HI



fotos boas e copie-as para o seu HD; é simples assim. Mas é preciso ter o Mac OS 8.6 ou superior instalado.

Evite abrir outros programas durante a cópia. Eu fiz isso e o meu Mac travou. Resultado: o arquivo ficou irremediavelmente danificado, mesmo estando lá, no cartão de memória. Ao final da cópia, arraste o ícone da Coolpix para o lixo antes de desconectar a câmera. Outra possibilidade legal é conectar sua câmera diretamente numa TV. Parece uma simples

Fique ligado

35 mm – filme fotográfico comum. A altura da película tem 35 mm, daí o nome. Mas a área da imagem tem 24x36 mm.

35 mm reflex – câmeras fotográficas que permitem troca de objetivas.

Megapixel – um milhão de pixels (medida ao quadrado). Parece muito, mas é apenas a resolução normal de um monitor de vídeo.

ppi – pixels por polegada (medida linear). Arquivos de foto precisam de 225 a 300 ppi para serem impressos ou ampliados com qualidade em revistas como esta.

TTL (*through the lens*) – a câmera controla o quanto de luz quer obter do flash.

Profundidade de cor – sensação de realismo, de tridimensionalidade que a foto passa. Quanto mais, melhor.

EV (*exposure value*) – combinação de velocidade e abertura.

Subexposição – registro de menos luz do que o necessário. É melhor subexpor do que superexpor, para ajustar no Photoshop.

Estouro de branco – áreas claras da foto que aparecem totalmente brancas (0% de retícula). Não esqueça que o branco precisa ter um pouco de grão para parecer real.



diversão a mais, mas é útil para um grupo de alunos analisar as fotos do dia, por exemplo.

Menina dos olhos: qualidade

A qualidade das imagens captadas diretamente em alta resolução, indiscutivelmente, é a menina dos olhos verdes da Coolpix: excelente. Algumas parecem escaneadas de um cromo 35 mm. De novo, convém lembrar que se pode imprimir em gráfica com resolução inferior a 300 ppi. Assim, dá sossegado para meia página san-

Dicas profiças

Autofoco contínuo – Além do barulhinho irritante, gasta bateria. Use o *single focus* (acionado ao apertar pela metade o disparador).

Zoom digital – Não presta. A interpolação que faz é ridícula. Melhor até desligá-lo para não acioná-lo acidentalmente.

Flashinho – Não despreze o flash do corpo, ele é fortinho. Guarde uma distância razoável do objeto, para não causar superexposição.

Segundo flash – Se você tiver fotocélula, nem precisa de cabo pra acionar um ou mais flashes externos. Veja as fotos do sushi e do sushiman: foram usados dois flashes, o do corpo e um SB-26 na contraluz.

Pense como um scanner – A câmera digital não deixa de ser uma espécie de scanner, e a Coolpix tem regulagens semelhantes. Você controla, antes de captar a imagem, o nível de contraste e nitidez. Acertar na captura é muito melhor do que remediar no Photoshop.

Milagre das pilhas – Um macete para aproveitar melhor as pilhas é tirá-las da máquina e deixá-las esfriar. Aparentemente, o calor gerado pela Coolpix faz com que ela acuse uma descarga precoce em pilhas que ainda podem render três ou quatro disparozinhos a mais.

grada de revista. E ainda aguenta um Sharpenzinho no Photoshop. Interpolei até 20x30 cm, com resultado bem razoável, usando o Genuine Fractals Pro (uma versão *light* acompanha o software da câmera).

Outro motivo para investir num equipamento desses é a facilidade de aprendizado que ele proporciona. Todos nós gastamos dezenas de rolos de filme com experimentos de exposição variada (e nem sempre aprendemos). Com uma câmera digital, é possível testar várias opções de *fill flash* e tentar muitos *light paintings*, vindo na hora os resultados. E mais: poucos estudantes têm saco para anotar os dados da foto. A Coolpix grava todos as informações, desde a abertura utilizada até a filtragem de luz. O manual diz que ela gera um arquivo "info.txt" de

cada arquivo, mas isso não aconteceu. Quando os dados foram necessários, tive de abrir cada imagem no browser da Nikon e redigitá-los.

Uma das coisas mais amáveis da pequenina é o sistema de filtros embutido. Sempre achei um saco rosquear na objetiva os filtros de correção para cada tipo de luz. A 990 tem várias e eficazes opções. Por exemplo: com lâmpadas fluorescentes e filme tipo "luz do dia", o resultado é certamente esverdeado. Mas o filtro da Coolpix para esse tipo de luz corrigiu e até passou do ponto: puxou um pouquinho para o magenta. Isso foi bem fácil de arrumar no Photoshop.

Aliás, é fundamental "casar" a captação da Coolpix com o Photoshop. Como eu não tinha certeza da fidelidade do visor LCD, optei, nas fotos macro, por fazer *bracketing* para baixo; ou seja, usei subexposição de um terço de ponto em cada foto. E o leitor inteligente pergunta: por que fazer sub? Porque a captação gera um positivo, tal qual um cromo. E o cromo, ao contrário do negativo, tolera melhor a subexposição. Ótimo resultado nas macros de flor. Vivi o drama de técnico de Seleção Brasileira: tendo muitas opções boas, fica difícil descartar. Pena que, com o cartão de 64 MB, grava-se apenas 6 fotos (ou 7, na proporção 2:3 de filme 35 mm). Pouco para quem está acostumado com uma bobina de 36 poses. Para completar o "casamento", a Coolpix informa até o nível de estouro de branco, defeito que o Photoshop não consegue diminuir muito. Genial!

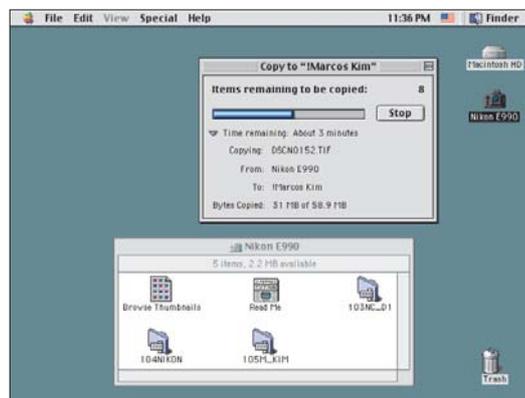
A medição de luz é outro ponto alto da Coolpix. A opção Matrix é praticamente perfeita, pois diminui muito o erro de medição de exposição. Mas para quem está acostumado, existem as opções *spot* e *center-weighted*.

Enfim, são muitas as opções oriundas de câmeras 35 mm que estão presentes na Coolpix. Foi uma grata surpresa encontrar o modo Manual, para ajustar velocidade, abertura e foco ao meu gosto. O fotômetro indica sub ou superexposição com bom índice de acerto. Pena que os botões de comando sejam minúsculos, o que tira um pouco da agilidade no manuseio.

Mal cheguei a testar a, digamos, função filmadora, que gera um movie QuickTime de até 40 segundos. Deve ser ótimo para jogar na Internet. Mas como quase todo fotógrafo, sou péssimo cinegrafista. O *timing* é totalmente diferente.

Amada amante

Fora o lance da fome de bateria e da lentidão, o fato é que achei a Coolpix 990 um tesãozinho. Embora eu seja casadíssimo com minha fiel 35 mm, dá para considerar esta câmera como uma bela amante das tardes livres. Falando sério, é um equipamento perfeito pra uso profissional que não demande grandes ampliações. A câmera vale cada tostão investido, principalmente para produção de catálogos e publicações informativas. E haja tostões, pois com os acessórios, o preço final beira os R\$ 8 mil.



Passar as fotos da Coolpix para o Mac é tão fácil e simples quanto usar o Finder. O ícone da camerinha é um luxo!

Mas convém fazer uma conta básica: cada filme negativo de 36 poses e suas respectivas ampliações custam, num lab profissional, uns R\$ 30. Se você fotografa mais de 30 rolos/mês, já passa de R\$ 1 mil a despesa só de insumos e processamento. Sem falar no escaneamento (sempre caro) e no esmero para preservar os originais. Fotos digitais, por sua vez, já estão "escaneadas" e podem ser gravadas em CDs, com baixíssimo custo de gravação e facilidade de conservação. **M**

MARCOS KIM

marcoskim@uol.com.br

É instrutor de Photoshop e tarado por fotografia, mas prefere a Sheila Carvalho.

*Colaborou: Antonio Carreiro